



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS**

ELAINE ARAÚJO CHAVES

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA VISÃO DOS ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO NO MUNICÍPIO DE SUMÉ, PARAÍBA**

**SUMÉ - PB
2017**

ELAINE ARAÚJO CHAVES

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA VISÃO DOS ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO NO MUNICÍPIO DE SUMÉ, PARAÍBA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão das Políticas Públicas do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão das Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Ms. José Ozildo dos Santos

**SUMÉ - PB
2017**

C512e Chaves, Elaine Araújo.

A educação ambiental na visão dos alunos do ensino médio no Município de Sumé, Paraíba. / Elaine Araújo Chaves. Sumé - PB: [s.n], 2017.

52 f.

Orientador: Professor Ms. José Ozildo dos Santos.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Gestão de Políticas Públicas.

1.Educação – Ensino Médio. 2. Meio ambiente 3. Educação ambiental. 4. Política pública. I. Título.

CDU: 373.5.016(043.3)

ELAINE ARAÚJO CHAVES

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA VISÃO DOS ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO NO MUNICÍPIO DE SUMÉ, PARAÍBA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão das Políticas Públicas do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão das Políticas Públicas.


BANCA EXAMINADORA:



Prof. Ms. José Ozildo dos Santos
Orientador – UAEDUC/CDSA/UFCG



Prof.ª. Dra. Carina Seixas Maia Dornelas
Examinadora I – UATEC/CDSA/UFCG



Prof.ª. Ma. Rosélia Maria de Sousa Santos
Examinadora II – Faculdade Rebouças de Campina Grande

Trabalho aprovado em: 15 de setembro de 2017.

Aos meus familiares o presente dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que é a força na minha caminhada e que mim concedeu o dom da vida, bem como a sabedoria para desenvolver essa pesquisa com maior qualidade.

Aos meus familiares e em especial ao meu marido que sempre apoiou minha caminhada, nas noites de estudo e cansaço.

Aos professores que contribuirão para meu aprendizado e aprofundamento durante as noites de quarta-feira. Em especial agradeço ao professor Ms. José Ozildo dos Santos que com muita paciência e dedicação realizou minha orientação nesta pesquisa.

Agradeço também a disponibilidade e atenção das professoras Dr. Carina Seixas Maia Dornelas e Ma. Rosélia Maria de Sousa Santos em participar da banca examinadora.

Por tanto agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho, registro aqui meu sincero agradecimento.

Se não houver frutos
Valeu a beleza das flores;
Se não houver flores
Valeu a sombra das folhas;
Se não houver folhas
Valeu a intenção da semente.

RESUMO

A Educação Ambiental se apresenta atualmente como uma eficaz estratégia pedagógica de prevenção às inúmeras crises ambientais que danificam o planeta Terra. Logo, a introdução dessa temática nas escolas de ensino médio no Município de Sumé-PB é necessária, pois contribuirá para um futuro mais sustentável. Sendo a Educação Ambiental um instrumento de mudança de consciência dos estudantes, essa pesquisa traz como objetivos fundamentais a visão dos estudantes do 3º ano do ensino médio quanto ao ensino ambiental ofertado pela Escola Estadual Prof. José Gonçalves de Queiroz e pelo Instituto Educacional Imaculada Conceição; a existência de disparidade de conhecimento ambiental entre os alunos e as possíveis causas dessa disparidade no preparo dos estudantes para uma consciência ambiental futura. Essa pesquisa foi realizada através de um estudo exploratório de caráter quantitativo e qualitativo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, trabalho de campo, com observação “in loco” da realidade vivenciada pelos estudantes, sendo feita uma coleta de dados por meio de questionários. A presente pesquisa se mostrou fundamental, pois os dados apresentados desmistificam o senso comum de que existe uma elevada disparidade de conhecimentos entre os estudantes das escolas pública e privada, além de apresentar um necessário investimento por parte dos gestores das escolas em infraestrutura, projetos e aulas ligados a Educação Ambiental e maior participação dos atores educacionais na formação ambiental dos estudantes. Sendo assim, possibilitará aos estudantes as condições necessárias para uma formação cidadã, crítica, consciente ambientalmente e multiplicadores das práticas sustentáveis.

Palavras-chave: Meio ambiente. Escola. Sustentável. Política pública.

ABSTRACT

Environmental Education is currently presented as an effective pedagogical strategy to prevent the various environmental crises that damage Earth. Therefore, the introduction of this theme in high schools in the municipality of Sumé-PB is necessary, as it will contribute to a more sustainable future. Being Environmental Education an instrument of consciousness-change for the students, this research brings as its main goals the perception of the 3rd year high school students regarding environmental education offered by *Escola Estadual Prof. José Gonçalves de Queiroz* and *Instituto Educacional Imaculada Conceição*; the existence of disparity of environmental knowledge among students and the possible causes of the disparity in the students' preparation for future environmental awareness. This research was carried out through an exploratory study of quantitative and qualitative character. For this, a literature search was conducted, as well as a field work with on-site observation of the reality experienced by students, being made a data collection through questionnaires. The present research was fundamental, since the presented data demystify the common sense that there is a high disparity of knowledge between students from public and private schools, besides presenting a necessary investment by the school managers in infrastructure, projects and classes related to Environmental Education and a greater participation of educational actors in the environmental training of students. This way, students will be provided with the necessary conditions for citizen, critical, environmentally conscious formation and multipliers of sustainable practices.

Key words: Environment. Sustainable. School. Public policy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Aspectos conceituais.....	12
2.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Considerações Gerais.....	12
2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	14
2.3 O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	15
2.4 SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL: Modismo ou prática vivenciada.....	17
2.5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Construindo um conceito.....	18
3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PRÁTICA EDUCATIVA.....	21
3.1 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	21
3.2 POSSIBILIDADES DE VIABILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	23
3.3 O CARÁTER INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	27
3.4 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO ATUAL.....	28
3.5 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Da teoria à prática pedagógica.....	29
3.6 O PAPEL DA ESCOLA NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	32
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	33
4.1 TIPO E LOCAL DE ESTUDO.....	33
4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	34
4.3 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	34
4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	34
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	35
6 CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE SUMÉ-PB.....	51

1 INTRODUÇÃO

O planeta Terra hoje se encontra mergulhado em crises, catástrofes ambientais de todo porte. Mas, o pior é que muitas das soluções políticas são paliativas e não resolvem, de fato, os graves problemas sociais, econômicos e ambientais da atualidade.

A educação ambiental se apresenta como uma forma eficaz de prevenir futuros danos ambientais. E, principalmente, aqueles causados pela ação predatória do homem. Nesse contexto, introduzir nas escolas essa temática a partir da educação básica, fará com que o aluno tenha maior facilidade em absorver os conteúdos ambientais ministrados. Logo, essa iniciativa é necessária, porque é de suma importância para que no futuro a sociedade como um todo tenha um conhecimento mais aprofundado sobre as questões sócioambientais e possa contribuir para a preservação da natureza, garantindo que as gerações futuras também tenham acesso a um meio ambiente saudável.

Assim, o objetivo geral da pesquisa é realizar uma análise comparativa sob a ótica dos estudantes do ensino médio das escolas pública e privada na cidade de Sumé-PB em relação ao fato de como a educação ambiental vem sendo desenvolvida/trabalhada em suas instituições. E, como objetivos específicos os seguintes: identificar que fatores induzem a uma disparidade do conhecimento sobre o meio ambiente entre os alunos da rede pública de ensino e da rede privada de ensino; analisar qual o nível de instrução para a sustentabilidade as escolas oferecem para os alunos, E, observar se os alunos estão sendo preparados para terem no futuro uma consciência ambiental.

Esse estudo sobre Educação Ambiental (EA) se faz pertinente, pois apresenta aspectos relevantes da temática, como: a desmistificação do senso comum quanto à disparidade de conhecimentos ambientais entre estudantes da rede pública e privada de ensino, a necessidade de um maior investimento por parte dos gestores escolares em infraestrutura, aulas e projetos ambientais, além de firmar parcerias com universidades e outras instituições interessadas na temática. Também apresenta a necessidade de um maior comprometimento dos atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem para a verdadeira sustentabilidade vivenciada na prática.

2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Aspectos conceituais

Meio Ambiente se trata de uma temática que exige dos atores envolvidos na formação educacional um aprofundado conhecimento, curiosidade, criatividade e cautela diante do desconhecido.

A EA se apresenta como um instrumento didático capaz de modificar a atual crise ambiental planetária através de uma perspectiva interdisciplinar e holística que adentra não só as instituições educacionais, mas todas as instâncias da sociedade. E, assim sendo eficaz na transformação das consciências, das ações cotidianas e da vida das pessoas.

2.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Considerações Gerais

Não há nada que o ser humano utilize em sua vida diária que não tenha sido provido, direta ou indiretamente, pela natureza. Às vezes, ignora-se isso pelo fato de que a natureza permeia o processo de construção da vida humana na Terra, e se apresenta como algo ilimitado, podendo ser utilizada sem maiores cuidados. No entanto, essa representação de natureza ilimitada não é necessariamente correta, uma vez que, sobretudo a partir de meados do século XX, a humanidade começou a sentir as consequências da relação predatória homem-natureza no seu cotidiano (JACOBI et al., 2003).

A maneira de conceber a natureza como ilimitada agravou vários problemas socioambientais, que afetam a qualidade de vida na Terra. Diante disso, é necessário rever a relação dos seres humanos entre si e com a natureza, bem como, a maneira como vem sendo concebida, isto é, visando atender os interesses da sociedade atual, definidos pelo modelo socioeconômico.

De acordo Mézaros (2003, p. 51):

Os interesses cegos do capital têm provocado a destruição do Meio Ambiente e colocado em risco as possibilidades de renovação dos recursos naturais e, conseqüentemente, a qualidade e, até mesmo, a continuidade da vida na Terra.

Para esse autor, a vida na Terra está ameaçada. Embora a problemática socioambiental seja o assunto mais presente na mídia atual, tem-se visto, em nível

local e global, poucas mudanças de comportamento. No entanto, percebe-se o lento processo de conscientização ecológica que é algo construído ao longo do tempo e com a participação efetiva de toda a sociedade que interessada em mudanças significativas em sua qualidade de vida se empenhara na prática cotidiana da sustentabilidade.

Daí a necessidade da Educação Ambiental, sensibilizando os educandos a pensar em longo prazo, pensar o meio para as gerações que virão. A sociedade como um todo precisa tomar consciência de que, no contrato natural, a Terra não tem problemas, sobrevive muito bem sem a humanidade; os seres humanos é que não vivem sem ela (ENLAZADOR, 2007).

Segundo Carvalho (2004, p. 36):

[...] precisamos utilizar outras lentes para compreender a questão socioambiental, uma vez que a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo.

Nessa concepção, a natureza não pode ser desvinculada do ser humano, tendo em vista a relação de dependência criada pela humanidade ao longo do processo histórico, o que acabou por provocar os sérios problemas ambientais enfrentados atualmente.

Na opinião de Smith (2011, p.50):

A sociedade é interna à natureza, embora elas não sejam de forma idênticas. Todavia, a natureza é mediatizada através da sociedade e a sociedade através da natureza. Precisamos compreender que o conceito de natureza não é natural, é cultural, ou seja, é criado e institucionalizado pela sociedade. Assim, podemos dizer que a maneira como vimos o mundo, as apreciações dada aos diferentes elementos da natureza, os diferentes comportamentos sociais em relação à natureza são produtos de uma herança cultural, ou seja, resultados de uma determinada cultura.

As ideias sobre a natureza foram aos poucos se modificando, dada as diferentes formas de concebê-la ao longo do tempo. Nesse sentido, a definição ou a conceituação do que seja a natureza depende da percepção que se tem dela, do próprio ser humano. Dessa forma, a natureza possui significados diferentes segundo valores e objetivos de cada tipo de sociedade ou de cada classe social.

2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental começou a ser pensada como uma forma de aumentar a consciência ecológica a partir do século XX, o que ficou evidente por conferências e programas que começaram a ser articulados. Em meados de 1968, a UNESCO, em conjunto com aproximadamente 79 países, desenvolveram um estudo relacionado à escola e ao meio ambiente, e chegando a conclusão que a educação ambiental deveria ser um conteúdo que interagisse com todas as disciplinas do ensino formal.

De acordo com Matos et al. (2013, p. 36):

A educação ambiental começou a dar seus primeiros passos na década de 1970, quando foi divulgado o primeiro relatório do Clube de Roma e a ONU promoveu a primeira conferência internacional do gênero, a Conferência de Estocolmo, com o tema 'Meio Ambiente Humano', a qual gerou a Declaração sobre Ambiente Humano.

Em 1972 as manifestações de vários segmentos ambientais em todo o mundo, resultaram na I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, Suécia. Anos depois, em 1975 representantes de 65 países reuniram-se para formular os princípios orientadores do programa de educação ambiental no planeta.

No entanto, de acordo com Sorrentino (2011, p. 41):

O evento que consagrou a educação ambiental aconteceu em 1977 em Tbilisi, Geórgia, foi a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental, neste evento foram efetivamente formulados princípios, estratégias e objetivos para desenvolvimento da educação ambiental, além disto, esse evento oficializou a indicação da educação formal como peça fundamental para se atingir as metas estabelecidas neste evento.

O documento da Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade, Educação e Consciência Pública para a Sustentabilidade, realizada em Tessalônica (Grécia), chama a atenção para a necessidade de se articularem ações de educação ambiental baseadas nos conceitos de ética, sustentabilidade, identidade cultural, diversidade, mobilização, participação e práticas interdisciplinares.

Após dez anos da conferência em Tbilisi, em Moscou realizou-se a Conferência Internacional da UNESCO-PNUMA sobre educação e formação

ambiental, neste encontro foram avaliados os avanços e discutidas novas estratégias para ampliação na década de 1990.

Em 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Eco-Rio92, mais de 179 países discutiram e elaboraram a AGENDA 21, um documento que reúne estratégias e propostas referentes a efetivação do desenvolvimento sustentável em todo o mundo (OLIVEIRA, 2016).

Desta forma, verifica-se que a educação ambiental é um processo resultante de várias discussões, promovidas em momentos históricos no cenário mundial. À medida que a preocupação sobre as questões ambientais foram ganhando projeção, verificou-se que tal problemática também deveria estar presente em sala de aula, servindo de sustentáculo ao processo de construção de uma consciência ambiental coletiva, tão necessária à preservação do meio ambiente. E, sua formulação se concretizou na Rio-92, oportunidade em que a escola enquanto instituição foi convocada também a dar a sua contribuição.

2.3 O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

No mundo atual, os temas ambientais estão presentes nas manchetes de jornais, nos programas de televisão, artigos de revistas, em palestras, congressos, campanhas populares, marketing de empresas e planos de governo. O debate sobre os problemas ambientais e a necessidade de encontrar soluções para os mesmos torna-se cada vez mais urgente na sociedade contemporânea (OLIVEIRA, 2016).

Os problemas ambientais atingem os interesses e as necessidades das pessoas, independente da profissão e classe social, sensibilizando-as a tomarem consciência de que esses problemas vão se somando e agravando à proporção que a inteligência humana dispara em busca do progresso, sem se dar conta de suas consequências, colocando em risco a vida humana no Planeta.

De acordo com Souza (2010, p. 258):

[...] essas questões passaram a ter importância somente quando, de um lado, a ameaça de risco à segurança e à qualidade de vida atingiu as classes médias e, de outro, quando se passaram a contabilizar as perdas nas esferas de produção provocadas pela sua não preservação e pelos imensos custos provocados pelo colapso ambiental.

Ao mesmo tempo em que o ser humano interfere no Meio Ambiente, ele se coloca fora da natureza, como um ser que a domina, a doméstica. A natureza e seus recursos são vistos, por muitos, como eternas e inesgotáveis fontes de saciação de suas necessidades.

Muitas dessas necessidades são criadas pelas sociedades humanas e nem sempre se constituem em necessidades biológicas, de ordem vital para a sobrevivência humana.

No entanto, as soluções para os problemas ambientais somente serão possíveis se houver envolvimento e participação de toda a sociedade em conjunto com o apoio de políticas públicas condizentes. Esses problemas não podem ser resolvidos individualmente, nem por movimentos isolados das comunidades; são necessários o envolvimento e a participação de cada ser humano que habita o Planeta (JACOBI et al., 2003).

Por isso, Souza (2010, p. 259) afirma que:

O 'meio socioeconômico' deve ser, de alguma forma, um aspecto central das discussões ambientais, pois o que está em jogo não é simplesmente a preservação, mas sim como os homens, de forma individual ou em grupos, ao apropriarem-se da natureza para satisfazerem as suas necessidades, estabelecem formas diversas de conflitos expressos na segregação dos benefícios que o bem-estar deveria lhes proporcionar.

Diante disso, muitos estudiosos, políticos e cientistas realizaram inúmeros encontros e conferências, para discutirem os rumos do nosso Planeta. Apesar dos problemas ambientais terem sempre existido devido ao comportamento humano na natureza, a preocupação com os mesmos só se tornou evidente a partir da década de 1960.

Dissertando sobre as questões ambientais, Viola (2007, p. 67) afirma que:

O comportamento predatório não é novo na história humana, não se restringe nem ao fim do século XX e nem aos últimos dois séculos de industrialização, o que é novo é a escala dos instrumentos de predação, cujo símbolo máximo são as armas nucleares.

Apenas após sentir na pele os efeitos da contaminação ambiental, causada por diversos fatores, entre eles a radiação proveniente das bombas atômicas lançadas sobre o Japão, durante a Segunda Guerra Mundial, foi que os seres humanos começaram a adquirir a autoconsciência das possibilidades de destruição

do planeta.

Assim, somente após esse despertar, lançou-se as sementes para a produção da Educação Ambiental, que, encontrou na sociedade um solo fértil e rapidamente germinou, sendo abraçada e divulgada por muitos países.

2.4 SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL: Modismo ou prática vivenciada

No mundo atual é fácil constatar o registro de problemas ambientais, pois estes se encontram disseminados em todos os lugares, desde os vilarejos rurais aos grandes centros urbanos. O consumismo, a poluição, o desperdício e tantas outras práticas nocivas ocasionadas pelo sistema capitalista ávido por lucro impedem que de fato ocorra a sustentabilidade.

Segundo Mészáros (2003), o capitalismo aumentou mais a capacidade de destruição da humanidade do que o seu bem-estar e a sua prosperidade. Isso é um fato real que tem preocupado muitos estudiosos, que mostram a importância do processo educativo como alternativa mais concreta no processo de mudança do pensamento da sociedade em relação às questões sociais.

Mais do que nunca, percebe-se o quanto a promoção da sustentabilidade vem se tornando algo necessário, exigindo da sociedade um novo repensar sobre as questões ambientais, bem como uma nova postura por parte da escola.

Por sua vez, Gadotti (2000, p. 35) abordando a relação entre a sustentabilidade e o processo educativo, faz o seguinte comentário:

O tema sustentabilidade originou-se na economia (desenvolvimento sustentável) e na ecologia, para inserir-se definitivamente no campo da educação, sintetizando no lema uma educação sustentável para a sobrevivência do planeta, difundido pelo Movimento pela Carta da Terra na perspectiva da educação e pela ecopedagogia.

A sustentabilidade é um tema amplamente divulgado e utilizado pela mídia, nas redes sociais, escolas, universidades, empresas públicas e privadas, e em tantas outras instituições, formal ou informalmente, ou seja, é um tema que possui atualidade, fazendo parte do cotidiano em todas as instâncias da sociedade. No entanto, sua prática ainda não é vivenciada de forma holística, transformadora da consciência e atitude de cada cidadão.

De acordo com Gadotti (2000, p. 59):

Ser sustentável [...] constitui norma digna de ser efetivada, mas que só se pode converter em realidade na medida em que as instituições básicas da sociedade não sejam consideradas sacrossantas. Isto se refere naturalmente também às instituições da nova (des)ordem mundial.

São poucos os que se arriscam em fazer algo diferente, inovador e criativo para a existência de uma maior e melhor sustentabilidade, promovendo os pilares [econômico, social e ambiental]. Existe, pois, a necessidade de se promover ações que levem a um meio ambiente mais equilibrado, que possa ser usufruído pelas futuras gerações nessas condições.

2.5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Construindo um conceito

Nesses últimos anos a Terra vem passando por acontecimentos estranhos, coisas jamais vistas, fatos inusitados. Isso acontece pelo modo de vida que o ser humano está levando, esgotando os recursos naturais do planeta. Assim, ou ele muda a forma de como explora os recursos naturais ou estes deixaram de existir.

Esclarecem Matos et al. (2013), que como a sociedade precisa ter uma consciência ecológica coletiva, a escola tem um grande desafio: contribuir para que este processo seja concretizado. E a forma para começar a desenvolver essa prática de convencimento é promovendo a Educação Ambiental, destacando as práticas sustentáveis.

A sustentabilidade é um termo usado para garantir o desenvolvimento sustentável, visando garantir que futuramente a população não sofra as consequências, fruto da exploração irracional dos recursos naturais.

Deve-se ressaltar que o desenvolvimento sustentável é um processo de aprendizagem social de longo prazo, que por sua vez, é direcionado por políticas públicas orientadas por um plano de desenvolvimento nacional. No entanto, a pluralidade de atores sociais associada aos interesses presentes na sociedade coloca-se como um entrave para as políticas públicas para o desenvolvimento sustentável (BEZERRA; BURSZTYN, 2000).

Por sua vez, a Educação Ambiental é um ensino contínuo, que deve ser introduzido nas séries iniciais e continuar para a vida toda. Assim sendo, para alcançar respostas positivas, as escolas devem abordar a sustentabilidade como

destaque em todas as disciplinas. Ela deve trabalhar com projetos voltados para os temas ambientais, envolvendo alunos e professores.

Esse novo processo educativo pode ser iniciado com palestras, com cursos sobre reciclagem e projetos. No entanto, independentemente da realização de projetos, o tema deve ser discutido todos os dias na escola. A prática sustentável diária na escola incentiva os alunos a praticarem atividades politicamente corretas não só na referida instituição, mas também no ambiente familiar e na sociedade como um todo. Essa é uma forma de ajudar o planeta que está em colapso.

As questões ambientais estão cada dia mais presente no cotidiano do homem. Por essa razão, a escola deve estar ciente dos problemas ambientais e capacitar os professores. Pois, eles são instrumentos transformadores, que educarão a sociedade para o amanhã. Como bem destaca a 'Carta da Terra', elaborada pela ONU, o homem deve somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz (MATOS et al., 2013).

De acordo com Segura (2001, p. 61):

'A Carta da Terra' é uma grande estratégia de educação ambiental. Pois, ela fala da atualidade e do futuro, se agora no presente não cuidarmos do nosso planeta as futuras gerações vão sofrer as consequências, pois nós já estamos vendo o início do que vai acontecer se não cuidarmos a tendência é piorar cada vez mais.

Diante dessa realidade, percebe-se que todos os temas sobre sustentabilidade devem ser trabalhados nas escolas para formar nos alunos uma consciência ecológica, transformando-os em agente protetores do meio ambiente. Contudo, não é fácil conscientizar o mundo, mas também não é impossível. Deve-se sempre lembrar que a educação tem a capacidade de promover valores e não ser só um meio de transmitir informações. Por isso, essa 'conscientização' é algo possível.

Ainda segundo Segura (2001, p.165):

Quando a gente fala em educação ambiental pode viajar em muitas coisas, mais a primeira coisa que se passa na cabeça do ser humano é o meio ambiente. Ele não é só o meio ambiente físico, quer dizer, o ar, a terra, a água, o solo. É também o ambiente que a gente vive – a escola, a casa, o bairro, a cidade. É o planeta de modo geral. [...] não adianta nada a gente explicar o que é efeito estufa; problemas no buraco da camada de ozônio sem antes os alunos, as pessoas perceberem a importância e a ligação que se tem com o meio ambiente, no geral, no todo e que faz parte deles. A conscientização é muito importante e isso tem a ver com a educação no

sentido mais amplo da palavra. [...] conhecimento em termos de consciência [...]. A gente só pode primeiro conhecer para depois aprender amar, principalmente, de respeitar o ambiente.

O ser humano é o responsável direto pelos problemas ambientais. E, por essa razão, ele mesmo deve buscar os meios adequados para reparar esses problemas, procurando, assim, viver nos campos ou nas cidades sem prejudicar o meio ambiente. Se não houver um equilíbrio ambiental, serão as futuras gerações que iram sofrer as consequências.

Por sua importância para o desenvolvimento da consciência ecológica coletiva, a Educação Ambiental precisa ser implantada logo nas séries iniciais para que a criança tenha noção dos problemas que o ser humano está enfrentando em relação ao meio ambiente.

De acordo com Barreto et al. (2014), através da educação ambiental, pode-se sensibilizar os alunos sobre os problemas ambientais, mostrando que todos são responsáveis pela preservação da natureza, visto que o meio ambiente saudável é um direito de todos.

É importante destacar que quando o educador consegue ligar o conteúdo das ciências às questões do cotidiano, ele torna a aprendizagem mais significativa. É através de um ensino investigativo, provocativo que o aluno começa a pensar e a refletir sobre o processo de construção do conhecimento (FREIRE, 1996).

O certo é especializar os professores, as escolas públicas e privadas para lidarem com essas questões ambientais. E estas sejam trabalhadas individualmente e/ou em grupos. Pois, somente assim será possível se criar uma sociedade com uma consciência ecológica coletiva (GADOTTI, 2000).

A Educação Ambiental é uma forma abrangente que necessita atingir todos os cidadãos permanentemente e procura influenciar o aluno a ter uma visão diferenciada, influente e crítica sobre a problemática ambiental. Diante do exposto, cabe o seguinte questionamento: A EA na Educação Básica deve estar pautada em atividades e discussões que despertem a conscientização crítica ou mágica?

Para responder a essa pergunta, é oportuno recorrer a Freire (2000, p. 117) que assim expressa:

[...] toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, a uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão.

Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação.

Desta forma, a Educação Ambiental deve está presente no processo educativo por ser uma modalidade de ensino básico. Mediante a prática educativa desenvolvida em sala de aula do ensino fundamental, é possível conscientizar o educando quanto à necessidade de se preservar o meio ambiente, fazendo com que eles entendam e coloquem em prática o conhecimento repassado.

Através da educação ambiental, o ser humano pode mudar a sua forma de ver e de se comprometer com o meio ambiente, aprendendo a viver em harmonia com o planeta (MORAES; SHUVARTZ; PARANHOS, 2008).

Em relação ao meio ambiente, a sociedade precisa lutar para que as futuras gerações possam viver com qualidade de vida. Mais do que nunca, é necessário se discutir as questões ambientais no espaço escolar.

3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PRÁTICA EDUCATIVA

A EA tem como função primordial a formação de cidadãos conscientes, críticos, criativos e aptos a praticar, bem como repassar os conhecimentos ambientais aprendidos ao longo da vida.

A escola é o espaço dotado pelo Estado para transmitir o conhecimento ambiental, mas não podemos esquecer que as primeiras lições de educação começam no seio familiar. E, assim é desde a infância que se aprende atitudes sustentáveis e benéficas ao planeta, como: economizar água e energia, não desperdiçar alimentos, tratar com estima animais e plantas, entre outras práticas.

No entanto, cabe à escola como instituição legal de educação viabilizar um aprimoramento do conhecimento em EA com um ambiente físico adequado, com profissionais capacitados e com o comprometimento de toda a sociedade.

3.1 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental passa a ser o estudo das relações entre os meios, na busca de se encontrar uma forma de equilíbrio entre estes fatores, objetivando a geração de qualidade de vida para todos, buscando um modelo de desenvolvimento que seja realmente sustentável.

De acordo com Dias (2010, p. 41):

A educação ambiental é uma ciência transversal, segundo a qual suas temáticas podem ser trabalhadas de maneira interdisciplinar pela natureza complexa do ambiente, em face das interações de fundo ecológico, político, social, econômico, ético, cultural, científico e tecnológico.

A educação ambiental trata de uma questão que envolve um conjunto de personagens do universo educativo, dando a oportunidade do engajamento dos diversos sistemas de conhecimento, a capacitação de profissionais e a comunidade universitária numa perspectiva interdisciplinar. Nesse sentido, a produção do conhecimento deve obrigatoriamente analisar as relações do meio natural com a sociedade, numa perspectiva que priorize o desenvolvimento, com enfoque na sustentabilidade social e ambiental.

Afirma Sorrentino (2011, p. 37) que:

O desafio para quem deseja realizar a educação ambiental é o da sensibilização, da mobilização do grupo para o enfrentamento e solução de problemas, é a construção de situações, jogos, simulações que nos permitam exercitar nossa capacidade de trabalho interdisciplinar e intersaberes, construindo conhecimentos e procedimentos que nos preparem para a tomada de decisões sobre os grandes impasses com que nos deparamos enquanto espécie humana e enquanto indivíduos.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB-9394/96), em seu artigo 28, a educação ambiental, tratada como tema transversal, deverá ser desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente. Nesse contexto, a educação ambiental aponta para propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de comportamento, desenvolvimento de competências, capacidade de avaliação e participação dos educandos.

Ainda segundo Sorrentino (2011, p. 39):

Existem quatro grandes linhas e orientações Metodológicas para educação ambiental, estas linhas se complementam entre si. A linha Conservacionista: vinculada à biologia e voltada para as causas e consequências da degradação ambiental. A Educação ao ar livre: envolve desde os antigos naturalistas até os praticantes do ecoturismo, passando por grupos de espeleologia, montanhismo e diversas modalidades de lazer e ecoturismo.

Na vertente ecológica preservacionista, não há uma concepção de currículo específica. O currículo vigente é assumido e são acrescentadas atividades de sensibilização quanto aos problemas ambientais e à preservação da natureza, organizado em torno do conhecimento de Biologia e da Ecologia e são estruturados em função de núcleos temáticos que combinam as atividades escolares com as extraescolares, dando ênfase a estas últimas. A educação ambiental, na vertente socioambiental, não tem um currículo definido previamente e integra-se nas diversas disciplinas escolares, podendo inclusive orientar e inserir-se no projeto pedagógico da unidade escolar.

3.2 POSSIBILIDADES DE VIABILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A proposta dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais indica vários assuntos para serem consolidados no ensino fundamental e médio,

como meio de promover, entre os alunos, discussões sobre as questões referentes aos problemas do cotidiano da vida social, sem alterar as disciplinas existentes. A ideia é que estes temas sejam distribuídos em diferentes tópicos como ética, saúde, orientação sexual, pluralidade cultural, meio ambiente, trabalho e consumo.

Sendo os conteúdos escolares os instrumentos pelos quais se busca desenvolver a capacidade de pensar, de compreender e de agir adequadamente no mundo, faz-se necessário pensá-las não como feudos disciplinares, fragmentados e descontextualizados da realidade dos alunos (CARVALHO, 2003).

Segundo Santos et al. (2013), estabelecer uma interação entre os conteúdos, produzindo um conhecimento amplo, é uma maneira de construir um processo educativo interdisciplinar, pautado na coerência entre o saber ensinado e a realidade social. Por isso, faz-se necessário repensar o currículo escolar como possibilidade de estabelecer relações interpessoais, sociais e éticas de respeito às pessoas, à diversidade etno-cultural e ao Meio Ambiente.

No entanto, é fundamental ressaltar que a escola não é o único agente educativo, uma vez que os padrões de comportamento familiar, a sociedade e as informações veiculadas pela mídia também exercem influência sobre a formação dos alunos.

De acordo com Carvalho (2003, p. 88):

A escola não educa sozinha. Se não existir um pacto social com as demais instituições sociais (inclusive familiar) somadas as reformas necessárias ao seu desenvolvimento, não será possível formar o cidadão nos valores propostos pelo PCN, sobretudo em relação a transversalidade ambiental.

O trabalho com o tema Meio Ambiente no processo educativo propõe que se garanta ao aluno não só uma reflexão sobre os problemas, que afetam a sua vida, sua comunidade, seu país e o planeta, mas uma aprendizagem que lhe possibilite posicionar-se em relação a esses problemas, para que se possa agir de modo a minimizar, ou mesmo prevenir, tais problemas, que têm afetado a vida na Terra.

Assim sendo, é de responsabilidade da educação escolar a promoção de atores sociais capazes de se relacionarem de forma mais harmônica com a natureza. Por isso, a escola, deve abrir uma nova possibilidade de discurso, de pensamento sobre o valor e qualidade de vida.

Para La Taille (2004, p. 27), “no processo de ensino da educação Ambiental,

o foco tem que ser o aluno, e esta é a característica institucional da escola trabalhar com alunos, para alcançar os pais, os adultos de modo geral e até mesmo, toda a sociedade”.

É na escola, e em particular, nas escolas de ensino fundamental, que se devem trabalhar enfocando os temas ligados aos valores da ética, da justiça, da equidade, na esperança de que essas crianças e adolescentes tragam essas discussões de volta para casa, no sentido de propagar a defesa da qualidade de vida.

La Taille (2004, p. 8), afirma que a “escola é a única instituição social à qual a maioria das pessoas está ligada, de uma maneira ou de outra. A escola tem um papel aglutinador que ela não usa em sua plenitude”.

Nesse sentido, a educação se apresenta como o elemento indispensável para a consolidação de uma consciência ambiental. Por isso investir na percepção interior do aluno, possibilitando-lhe conceber o mundo e suas engrenagens sociais da forma mais abrangente possível, sensibilizando-o para a tomada de consciência da necessidade de adotar novos hábitos em relação ao meio (GADOTTI, 2000).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais reconhecem que a educação ambiental está longe de ser uma atividade tranquilamente aceita e desenvolvida, porque ela implica mudanças profundas e nada inócuas. Ao contrário, quando bem realizada, a educação ambiental leva a mudanças de comportamento pessoal e a atitudes/valores de cidadania que podem ter fortes consequências sociais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, p. 27):

A principal razão de se trabalhar o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidirem e atuarem na realidade socioambiental. Além de trabalhar com informações e conceitos, é importante trabalhar com atitudes, com formação de valores, construção de habilidades e procedimentos no dia a dia da escola, a partir de gestos simples de solidariedade, hábitos de higiene pessoal e higiene dos diversos ambientes, como jogar lixo nos cestos, cuidar das plantas da escola, cuidar das relações interpessoais. Tais gestos, muitas vezes, conflitam com os estímulos propostos pelos MCS, que mostram valores insustentáveis de consumismo, desperdício, individualismo, irresponsabilidade, desrespeito, preconceito e tantos outros.

A proposta dos PCNs reforça a ideia de se trabalhar, em primeiro lugar, a percepção do espaço pensado, intuído, apreendido, para, a seguir ou concomitantemente, disseminá-lo como algo a ser realizado no cotidiano. O sentido de uma educação de valores está em entrar em relação dinâmica com a realidade e

com os problemas que os alunos e as alunas vivem, levando-se em conta o contexto da globalidade da experiência pessoal.

Por outro lado, a transversalidade no currículo, tal qual é apresentada pelos PCNs, fundamenta-se em uma concepção da educação ética e humanística, que objetiva uma educação integral, de valores de consenso numa sociedade pluralista, valores que sirvam de referência aos alunos. E, que lhes permitam conjugar, em harmonia, o aprender a aprender e o aprender a viver por meio do conhecer, sentir, conviver e intervir, como realidades que se encontram e se fundem ao longo do processo educativo (SANTOS et al., 2013).

Especificamente na abordagem do tema Meio Ambiente, faz-se necessário que o professor tenha alguma familiaridade com a linguagem ambientalista, sendo fundamental que o mesmo possibilite ao aluno o reconhecimento de fatores que produzam o desenvolvimento sustentável.

De acordo com Rosa (2002, p. 41):

Embora as questões ambientais e a vivência de valores façam parte da preocupação de muitos professores e ainda que parte deles, por meio de diferentes concepções teórico-metodológicas, venha discutindo esses problemas, a prática da temática ambiental ainda gera muita controvérsia em relação à formação de professores.

Nesse sentido, é necessária uma formação continuada dos professores, no sentido de superar a falta de clareza entre os conteúdos e a transversalidade, como também de suplantam lacunas metodológicas em relação à prática interdisciplinar da Educação Ambiental.

Explica Gadotti (2000, p. 87) que:

A educação, concebida não como escolarização, pode e deve ser um peso na luta pela sustentabilidade econômica, política e social. Processos não formais, informais e formais já estão conscientizando muitas pessoas e intervindo positivamente, se não solucionando, despertando para o problema da degradação do meio ambiente.

A prática da Educação Ambiental deve se caracterizar como uma concepção de mundo tanto para o professor quanto para o aluno, bem como deve alcançar todos os setores envolvidos no processo educacional, no sentido de desenvolver uma postura crítica, frente à realidade das informações e aos conceitos inerentes ao tema. Esse perfil de educação é um desafio, pois vai além da pedagogia, tendo em

vista a necessidade de uma ecopedagogia.

Ainda segundo Gadotti (2000, p. 82):

A eco-pedagogia pretende desenvolver um novo olhar sobre a educação, um olhar global, uma nova maneira de ser e estar no mundo, um jeito de pensar a partir da vida cotidiana, que busca sentido a cada momento em cada ato, que “pensa a prática”, em cada instante de nossas vidas, evitando a burocratização do olhar e do comportamento. É nesse sentido que a proposta defendida por meio dos PCNs precisa ser revista e trabalhada com mais profundidade.

Neste sentido, percebe-se que os PCNs têm sido alvo de muitas críticas, em especial ao processo de sua construção. O referido documento é permeado de uma metodologia internacional baseada na centralização. Além disso, a linguagem utilizada nos PCNs é de difícil compreensão para os professores dos diversos brasis. Para isso, os parâmetros devem garantir uma mesma qualidade na construção do currículo regional, atrelados e enfatizando a necessidade de restaurar a base material das escolas públicas, indispensável para o desenvolvimento das práticas pedagógicas.

Em resumo, para serem eficazes, os PCNs exigem uma releitura da prática pedagógica e do processo de formação humana, como também uma nova concepção do conhecimento. Assim, as discussões sobre Meio Ambiente necessitam desvelar o contexto histórico, para explicitar os porquês da crise ambiental atual e os enganos cometidos no passado. Isso demanda do educador ambiental uma visão integrada do meio e de seus determinantes não só naturais, mas também históricos, políticos, econômicos e sociais. Faz-se necessário ultrapassar a ideia de que o salvamento do Meio Ambiente está somente nas mãos das ciências naturais e tecnológicas.

3.3 O CARÁTER INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Não há como pensar educação ambiental desvinculada de valores tais como cooperação, solidariedade, respeito mútuo, responsabilidade individual e coletiva, participação, comprometimento, coletividade. Ao estimular estes valores, a escola deverá propiciar condições para que se produza no aluno o espírito crítico, a capacidade de fundamentar suas escolhas, a entender e superar suas limitações e

possibilidades de ação e, principalmente, a compreender que atitudes isoladas e individualistas não se sustentam.

De acordo com Medina e Santos (2008, p. 41):

A EA não consiste simplesmente em dar um trato mais adequado às questões ambientais que já estão presentes (muitas vezes de maneira mais implícita que explícita) nos conteúdos curriculares de várias disciplinas, ou introduzir componentes ambientais a certas disciplinas, dando prioridade às ciências naturais e em particular à ecologia ou à geografia como campos interdisciplinares por natureza se trata de construir um saber ambiental que se defina em relação a cada uma das disciplinas já constituídas, através de um processo social de produção do conhecimento.

Diante desta constatação, percebe-se a conotação integradora e interdisciplinar da educação ambiental. Cada disciplina do currículo escolar, a partir de seus esquemas conceituais, tem uma contribuição a dar no processo de compreensão dos problemas ambientais, sob seus diferentes pontos de vista. Para isso, entretanto, é preciso entender a origem dos problemas ambientais, a complexidade dinâmica inerente a eles e não apenas as relações lineares da racionalidade instrumental característica do pensamento científico positivista (relação causa/efeito).

Na concepção de Santos et al. (2013), reconhecer o caráter interdisciplinar da educação ambiental é, de fato, aproximar-se dos valores e da complexidade do real e da ação efetiva, articulando-os à dinâmica da vida coletiva.

Em síntese, a exigência da interdisciplinaridade na educação ambiental não significa abandonar a contribuição específica de cada disciplina. Pelo contrário, exige-se uma competência cada vez maior de cada uma em particular, para que a sua relação tenha o resultado esperado. Desta forma, percebe-se que o tema 'educação ambiental' é um tema revestido de forte atualidade e assim o será sempre, partindo do princípio de que o homem terá que conviver constantemente com as questões ambientais, porque este para viver modifica o meio ambiente, mesmo que de forma simples ou pouco impactante.

3.4 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO ATUAL

O atual aumento da degradação ambiental juntamente ao descompromisso e desinteresse de grande parcela dos agentes públicos, bem como da sociedade civil

faz com que a educação ambiental (EA) seja fundamental para a transformação do modo de pensar e agir da população.

De acordo com Queiroz (2009, p. 1):

A necessidade de repensar homem/natureza é uma preocupação crescente na sociedade contemporânea, visto que esta vem passando por processos de desequilíbrio que retratam a sua fragilidade ambiental. Fato que remete à ação da conscientização popular, função da prática da E.A.

Em educação ambiental é preciso começar das mínimas atitudes cotidianas, do exemplo dos familiares até a educação formal escolar, que deverá consolidar aquilo que já foi de certa forma aprendido. O fato é que quanto mais cedo as crianças forem educadas para a sustentabilidade planetária, mais rápido se tornaram cidadãos conscientes ambientalmente e participativos. Desta forma, percebe-se que a educação ambiental possui um papel significativo no processo de formação de uma consciência ambiental coletiva.

De acordo com Santos et al. (2013), a necessidade da construção de consciência ambiental coletiva é algo bastante necessário no contexto atual. E, que nesse processo, a educação ambiental pode trazer uma grande contribuição, porque é através dela que o educando toma conhecimento completo sobre as questões ambientais e passa a vê-las de forma mais real.

Desta forma, conscientizar o ser humano sobre a gravidade das questões ambientais é o principal papel da educação ambiental. Ela pode e deve ser promovida em todos os níveis do processo educativo, seja como disciplina autônoma ou como tema transversal, instruindo e mostrando ao aluno como ele - na condição de cidadão consciente - pode intervir nas questões ambientais, visando minimizá-las colocando em prática soluções concretas.

3.5 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Da teoria à prática pedagógica

A introdução da Educação Ambiental no cenário educativo brasileiro deu-se ainda nos primeiros anos da década de 1990. Para tanto, o MEC elaborou o Plano Decenal de Educação para todos (1993-2003), concebido como um conjunto de diretrizes políticas em processo contínuo de negociação, voltado para a recuperação da escola fundamental. Um dos objetivos desse plano é a satisfação básica das crianças, jovens e adultos e a ampliação dos meios e do alcance da educação

básica, tendo a dimensão ambiental como um dos seus componentes (SANTOS et al., 2013).

Em outubro de 1996, realizou-se, em Brasília, a I Conferência Nacional de Educação Ambiental (I CNEA), na qual se elaborou uma síntese que resgatou a história da Educação Ambiental, após 20 anos de Tbilisi e a reafirmou como um espaço de criação da ecocidadania. Teve como objetivo criar um espaço para reflexão sobre as práticas da Educação Ambiental no Brasil, avaliando suas tendências e identificando as perspectivas e estratégias futuras.

Resultado de um trabalho participativo, o documento final consolidou as sugestões de diretrizes políticas para a Educação Ambiental no Brasil e foi apresentado, em dezembro de 1997, na Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, em Thessaloniki, Grécia (OLIVEIRA, 2016).

De acordo com a Declaração de Brasília, a existência de diferentes conceitos de desenvolvimento sustentável decorrentes de diferentes visões por parte dos segmentos da sociedade constitui um dos problemas para a educação ambiental. A estes acrescenta-se o modelo de desenvolvimento adotado no Brasil que privilegia os aspectos econômicos, o não cumprimento das recomendações da Agenda 21 por parte dos diferentes níveis de governo e a falta de articulação entre as ações de governo e da sociedade civil.

Na opinião de Martins et al. (2005, p. 11),

Uma importante ação em nível educacional foi a inclusão da questão ambiental na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB/96), que passou a considerar a necessidade da compreensão do ambiente natural como fundamental para a educação básica. Na década de 1990, o MEC, o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e o IBAMA desenvolveram diversas ações para se consolidar a Educação Ambiental no Brasil. No MEC, são aprovados os novos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que incluem a Educação Ambiental como tema transversal em todas as disciplinas.

A inclusão da área de Meio Ambiente como um dos temas transversais nos PCN, encontra-se enfocada no seguinte trecho desse documento, que traz orientações para o trabalho do professor: “o trabalho pedagógico com a questão ambiental centra-se no desenvolvimento de atitudes e posturas éticas e, no domínio de procedimentos, mais do que na aprendizagem de conceitos” (BRASIL 2001, p. 57).

Desenvolveram-se programas de formação de multiplicadores em Educação

Ambiental em todo o país. O MMA cria a Coordenação de Educação Ambiental para desenvolver políticas ambientais no país e sistematizar as ações existentes. O IBAMA cria, consolida e capacita os Núcleos de Educação Ambiental (NEA) nos estados, membros da federação, o que permite desenvolver programas integrados de Educação Ambiental.

Informam ainda Martins et al (2005, p. 15), que:

A Lei 9.795/1999 teve como objetivo de dar prosseguimento eficaz ao ditame constitucional no que diz respeito à educação ambiental. Essa Lei acolheu muitas ideias apontadas nas diversas conferências internacionais, que conferiu à EA um caráter socioambiental decorrente das propostas de desenvolvimento sustentável. Assim, tornar efetiva a EA em todo os níveis e modalidades de constitui um imperativo não só diante da atual legislação, mas diante da necessidade de dar soluções adequadas aos graves problemas afetam o Planeta. Uma das questões problemáticas da EA concerne à necessidade de torná-la parte da formação de profissionais de nível superior, pois em relação ao ensino fundamental, o Ministério de Educação propôs sua introdução por meio de um programa nacional de formação continuada.

Em 27 de abril de 1999, foi aprovada a Lei nº 9795/97, que tem como objetivo oficializar a presença da Educação Ambiental em todas as modalidades de ensino, reconhecendo a mesma como um componente urgente, essencial e permanente em todo processo educativo, formal, ou informal, como orientam os artigos 205 e 225 da Constituição Federal.

Destaca Figueiredo (2004), que a definição de Educação Ambiental apresentada nessa Lei foge dos antigos padrões meramente biológicos/ecológicos e preservacionistas, inserindo o homem como agente das transformações e responsável pela qualidade e sustentabilidade da vida no Planeta, deixando de ser um mero espectador.

Além disso, pode-se destacar o caráter atual da Lei, consoante com as discussões internacionais e nacionais sobre o tema, ao incorporar o enfoque humanista, a ética, a articulação entre o global e o local e o respeito à pluralidade cultural, dentre outros temas.

Segundo Oliveira (2009, p. 54):

A prática da Educação Ambiental na escola busca assegurar um ensino-aprendizagem que torne os estudantes aptos a compreenderem o conceito de Meio Ambiente e seus processos e dinâmicas. É necessário que, por meio da Educação Ambiental, os educandos compreendam o seu lugar, seu papel e sua responsabilidade com os processos e as dinâmicas próprias do

Meio Ambiente.

Apesar de alguns avanços, a política federal para a Educação Ambiental ainda carece de maior articulação entre os setores governamentais e não governamentais, para que políticas específicas sejam efetivamente implementadas. Diante da atual situação, o Brasil está longe de resolver adequadamente a questão ambiental, uma vez que os brasileiros foram deseducados quanto à compreensão dos problemas do Meio Ambiente.

Waldman (2013, p. 548) confirma essa assertiva quando diz que:

Os desenhos animados, as histórias em quadrinhos, a propaganda, a programação da televisão e os próprios livros didáticos são outros instrumentos de uma deseducação ambiental, cuja iconografia familiariza o público jovem no reconhecimento de uma natureza que simplesmente não existe no nosso território o que, portanto, anestesia a opinião pública quanto aos problemas ambientais realmente existentes no seu cotidiano.

Dessa forma, verifica-se que a trajetória da Educação Ambiental no Brasil ainda está em estágio embrionário e há muito que se fazer. No entanto, é possível constatar alguns bons resultados, muitas publicações, inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutorado e a expansão da pesquisa em Educação Ambiental, com a criação de vários Programas de Pós-Graduação nessa área.

A Educação Ambiental, gradativamente, foi incorporada pela sociedade brasileira. Há aqueles que dela se ocupam, desde os anos de 1970 e aqueles que a descobriram recentemente.

3.6 O PAPEL DA ESCOLA NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

São muitos os antigos paradigmas a serem superados para que a educação brasileira passe a ter verdadeiro papel de formação de cidadãos. É fato que a educação informal a qual a sociedade adquire ao longo da vida em experiências interpessoais e cotidianas, contribui em muitos casos para a formação cidadã. Mas, é preciso se investir cada vez mais na educação formal escolar, que é à base de uma sociedade mais preparada para enfrentar os desafios futuros.

Explicam Medina e Santos (2008, p. 18) que:

A educação deverá liberar-se da fragmentação imposta pelo paradigma positivista e sua racionalidade instrumental e econômica [...] atualizar-se em relação ao conhecimento produzido pelos mais importantes cientistas, artistas e humanistas de nossa época e unir forças com outras instituições sociais visando à construção de um mundo mais humano e sustentável.

Para que se tenha uma sociedade formada por cidadãos conscientes ambientalmente e participativos, é fundamental que exista uma educação de base continuamente e inovadora, comprometida, atrativa e que os profissionais da educação estejam interessados em mudar padrões impostos pelo sistema atual. Sem uma mudança completa da atual concepção, não há como se falar em uma educação de qualidade.

Ainda segundo Medina e Santos (2008, p. 19):

O sistema educativo, igual ao sistema sociocultural no qual se insere, encontra-se afetado em seu conjunto atual. Esta própria crise, como situação-limite, coloca a necessidade de modelos alternativos que possam substituir as estruturas esclerosadas e cruéis do sistema vigente.

Quando o assunto é preservação ambiental, verifica-se que introduzir a educação ambiental na escola brasileira é uma tarefa desafiadora, complexa e que exige mudanças radicais no sistema educacional vigente para que haja uma eficiente mudança de consciência na sociedade. Entretanto, a incorporação da educação ambiental na escola só será possível se o sistema for capaz de adaptar-se às suas necessidades, e ela, por sua vez, conseguir que se restabeleçam os fins, os conteúdos e as metodologias de ensino.

Diante dessa necessidade, percebe-se que para promover a educação ambiental da qual a sociedade precisa para se conscientizar quanto às questões ambientais, a escola enquanto organismo de promoção social, precisa mudar a sua concepção e adquirir um novo perfil para melhor exercer a sua função, que é educar para o exercício da cidadania. Dando, assim, ao educando uma visão crítica da realidade existente à sua volta, transformando-o em um sujeito consciente, capaz de opinar sobre as diversas questões presentes na sociedade, inclusive, sobre a necessidade de se preservar o meio ambiente de forma respeitável.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 TIPO E LOCAL DE ESTUDO

Trata-se de um estudo exploratório de abordagem quantitativa. Quanto à natureza, este pode ser classificado como sendo uma pesquisa aplicada, partindo do princípio que visa gerar conhecimento para aplicação prática no cenário do estudo.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, mediante busca eletrônica utilizando-se dos principais bancos de dados, bem como do acervo bibliográfico existente em bibliotecas públicas e acervo particular.

Num segundo momento, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, oportunidade em que os alunos matriculados na 'Escola de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Gonçalves de Queiroz' e no 'Instituto Educacional Imaculada Conceição', ambos localizados na cidade de Sumé-PB responderam a um questionário que serviu de avaliação dos seus conhecimentos ambientais; reflexões sobre a Educação Ambiental nas escolas onde estudam, além de serem utilizados como dados para posterior discussão.

A pesquisa de campo baseia-se na observação dos fatos tal como ocorrem na realidade, ou seja, o pesquisador realiza a coleta dos dados diretamente no local em que ocorrem os fenômenos, enquanto que a pesquisa descritiva consiste em observar, registrar, analisar e interpretar os fatos, porém sem haver interferência do pesquisador, caracterizando-se pela técnica padronizada de coleta de dados, realizada principalmente por meio de questionários (MARCONI; LAKATOS, 2007).

4.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Para o presente estudo foi considerada como população todos os alunos regularmente matriculados no 3º ano do ensino médio nos estabelecimentos educacionais acima mencionados, totalizando 147 discentes, sendo 129 alunos matriculados na primeira e 18 alunos na segunda escola.

Destes, retirou-se uma amostra de 31% composta por 40 alunos da escola pública e 89% composta por 16 alunos da escola particular que foram escolhidos aleatoriamente.

4.3 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário previamente estruturado, aplicado nas escolas pública e particular, composto de 10 questões subjetivas, voltadas para os objetivos da presente pesquisa (APÊNDICE A)

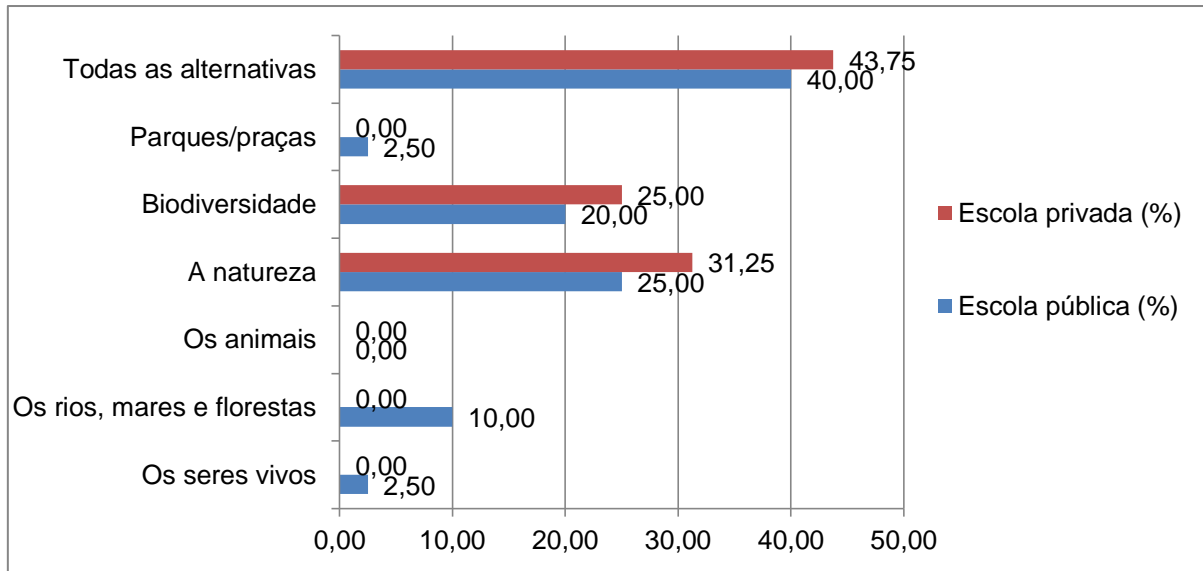
4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi promovida através de representações estatísticas, de forma qualitativa e privilegiando o modelo descritivo. Tais dados foram apresentados em forma de gráficos para facilitar a discussão dos resultados e, posteriormente, comentados à luz da literatura especializada.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, procurou-se saber dos participantes, o que eles entendem por meio ambiente. Os dados obtidos foram apresentados no Gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1 - Distribuição dos participantes quanto ao conceito de meio ambiente



Fonte: Pesquisa de campo (julho/2017).

Quando se analisa os dados apresentados, verifica-se que existe um entendimento único entre a maioria dos alunos entrevistados, tanto na escola pública, quanto na escola privada, em relação ao que é meio ambiente. Os dados mostram que quase a metade dos estudantes da escola pública (40%) e da escola privada (43,73%) afirma que todas as alternativas correspondem ao conceito de meio ambiente. Contudo, 25% dos alunos da escola privada entrevistados ressaltaram que o meio ambiente é representado pela biodiversidade. Na escola pública, 20% dos alunos entrevistados também possuem a mesma concepção. É importante destacar que 31,25% dos alunos da escola privada destacaram que o meio ambiente pode ser compreendido como sendo a natureza em si. Na escola pública, 25% dos alunos também compartilham dessa concepção. Os demais alunos da escola pública entendem o meio ambiente como sendo parques e praças (2,5%), o que demonstra certo entendimento de que as construções humanas também são um tipo de meio ambiente. E responderam seres vivos apenas 2,5 % dos estudantes.

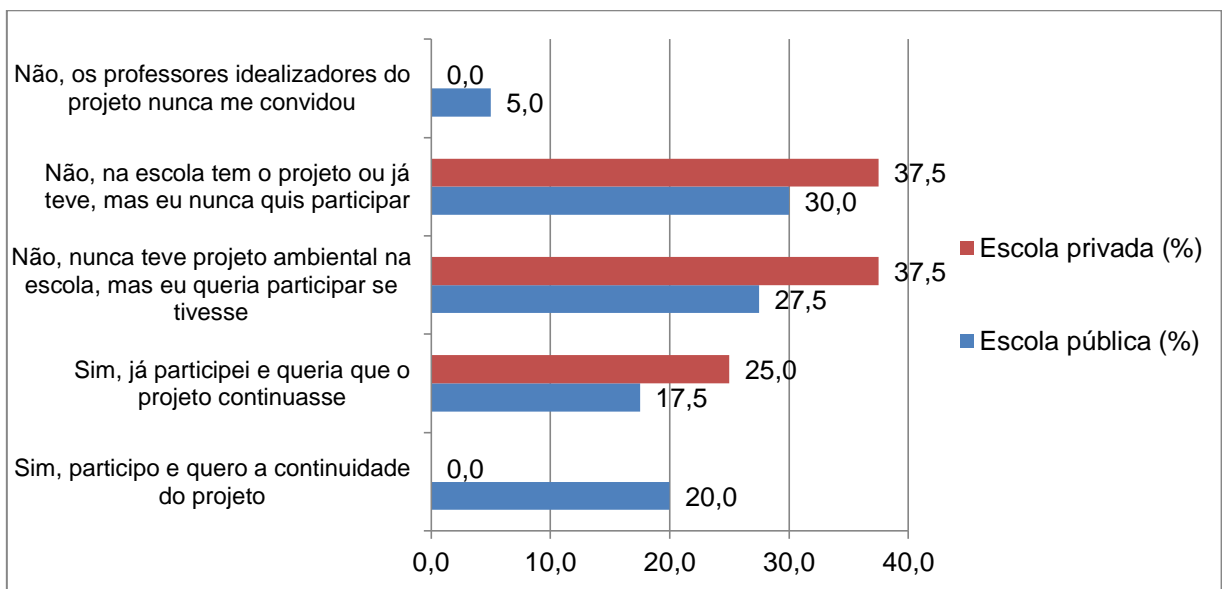
De acordo com Kerkhoff (2012, p. 146):

O meio ambiente pode ter várias definições dependendo do ramo da ciência que o Estuda. A geografia definirá de uma forma, enquanto que a biologia e a agronomia, de outra. Para a nossa disciplina, interessa sabermos da conceituação jurídica de meio ambiente, que nos é dada, pelo art. 3º, I da Lei 6.938/81, quando enuncia que meio ambiente: “É o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem química, física e biológica que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”.

Desta forma, percebe-se o quanto o conceito de meio ambiente é abrangente. Contudo, ele envolve ou diz respeito a tudo que é vida sobre a Terra. É o conjunto dos rios e florestas, nestes incluindo todos os seres vivos, que integram a fauna e flora, bem como as condições que tornam a vida possível. Tais condições podem ser definidas com interações, influências e/ou leis que regem a vida, sob os mais variados aspectos.

Mediante o segundo questionamento indicado no Gráfico 2, indagou-se dos participantes se eles já participaram de algum projeto ambiental em sua escola.

Gráfico 2 - Distribuição dos participantes quanto à participação em projeto ambiental na escola



Fonte: Pesquisa de campo (julho/2017).

Assim, verifica-se que a soma de 75% dos alunos da escola privada afirmaram que nunca participaram de um projeto ambiental por falta de interesse ou porque a escola nunca promoveu projetos desse tipo. Já na escola pública essa

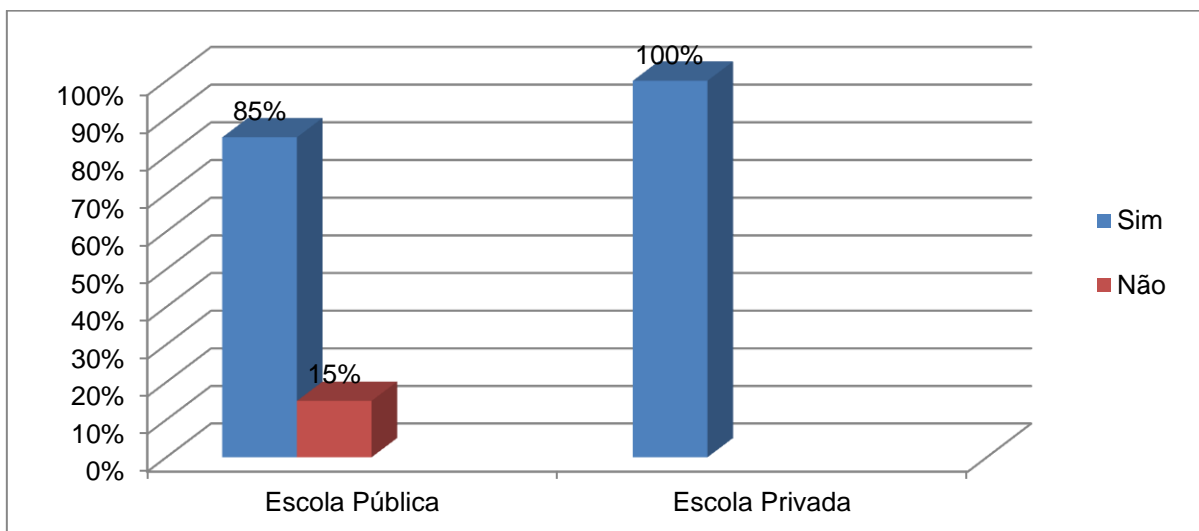
soma cai para 62,5% dos alunos, fato que demonstra existir uma maior participação dos mesmos em projetos ambientais, isto demonstrado na soma de 37,5% dos alunos que declaram participar de projeto ambiental na escola.

Destaca Pereira (2007), que geralmente, entre os eventos promovidos pela escola que abordam a temática do meio ambiente, encontram-se as gincanas escolares, os seminários, as feiras de ciências, caminhadas ecológicas, aulas práticas no campo, visitas aos mananciais, bem como a parques e áreas de preservação ecológica, etc.

Assim sendo, vê-se que para promover o ensino sobre o meio ambiente, a escola tem a sua disposição várias opções. No entanto, cabe aos professores escolher uma modalidade que melhor se relacione com a realidade da escola e de seus alunos.

Posteriormente, procurou-se saber dos alunos que participaram dessa pesquisa, se eles gostariam que em suas escolas houvesse projetos ambientais permanentes e aulas ligadas à temática meio ambiente. Vejam os dados do Gráfico 3 abaixo.

Gráfico 3 - Distribuição dos participantes quanto à aceitação de projetos ambientais permanentes e aulas ligadas ao tema na escola



Fonte: Pesquisa de campo (julho/2017).

Assim, verifica-se que 85% dos alunos da rede pública gostariam que em sua escola houvesse projetos ambientais permanentes e aulas ligadas à temática meio ambiente. Entre os alunos da rede privada esse interesse foi demonstrado por todos

os participantes (100%). Apenas 15% dos estudantes da escola pública responderam não ter interesse em projetos e aulas de meio ambiente.

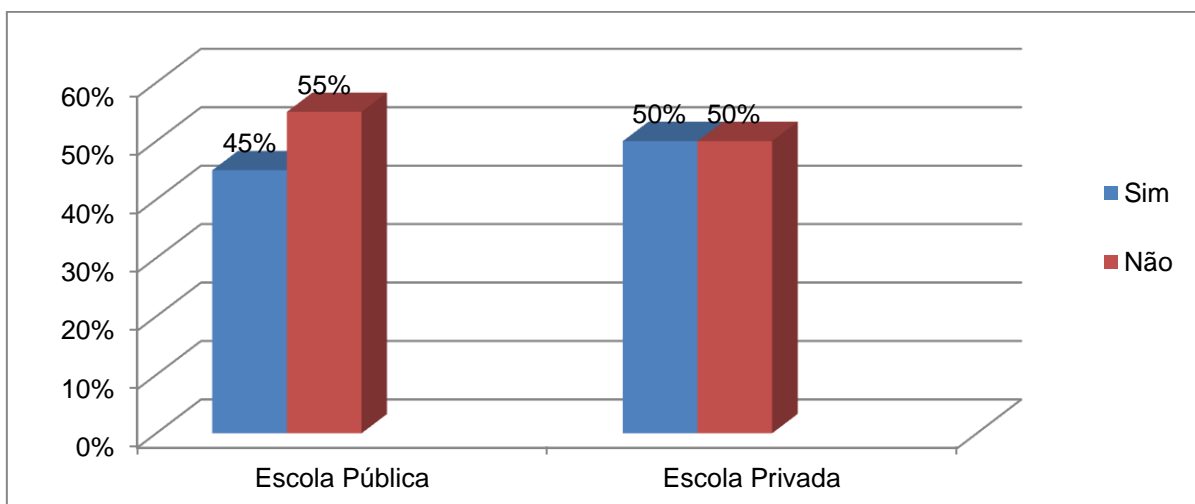
Para trabalhar Educação Ambiental nas escolas, existem vários procedimentos metodológicos, entre os quais destacam-se: atividades artísticas, experiências práticas, trabalhos de campo, produção de materiais locais, projetos ou qualquer outra atividade que conduza os alunos no processo que norteia a política ambientalista. Na concepção de Sato (2003, p. 31):

É extremamente importante introduzir mais criatividade nas novas metodologias, abandonando os modelos mais tradicionais e buscando novas alternativas. Nesse contexto, o professor é o fator-chave para mediar o processo de aprendizagem. O método selecionado pelo professor depende do que ele aceita com o objetivo da educação ambiental, seu interesse e sua formação construtiva.

Nessa perspectiva, cabe aos professores, por intermédio de uma prática interdisciplinar, promover novas metodologias nas aulas, que favoreçam a implementação da Educação Ambiental; considerar o ambiente da comunidade escolar, relacionando-o a problemas ambientais atualizados, deve ser uma forma de inclusão de conteúdos nas diversas disciplinas dos currículos escolares.

Através do quarto questionamento, perguntou-se aos entrevistados se em suas escolas existem práticas sustentáveis (horta, jardim, economia de energia/água, uso de papel reciclado, coleta seletiva do lixo, etc.).

Gráfico 4 - Distribuição dos participantes quanto à existência de práticas sustentáveis na escola



Fonte: Pesquisa de campo (julho/2017).

De acordo com o Gráfico 4, 45% dos alunos da rede pública de ensino afirmaram existir práticas sustentáveis na escola. É importante destacar que 55% dos alunos da escola pública afirmaram não existir nenhuma prática sustentável na escola, apesar da maioria já terem participado de algum projeto ambiental na mesma. Já na escola privada, metade dos estudantes afirma que existem práticas sustentáveis na escola.

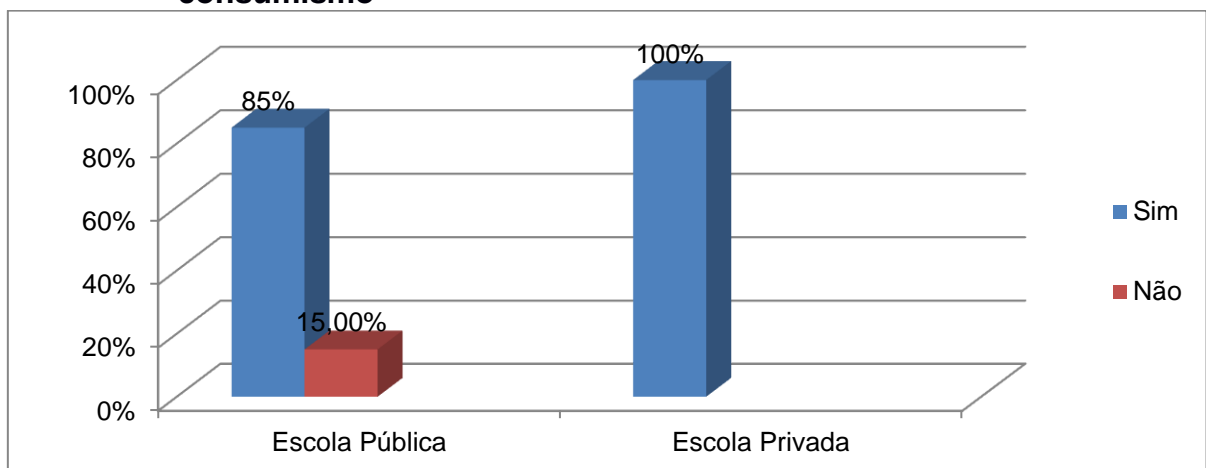
De acordo com Santos et al. (2013), através da adoção das chamadas práticas sustentáveis a escola possui uma maior possibilidade de conscientizar o educando sobre a necessidade de se preservar o meio ambiente.

Acrescenta Meller (2007), que a escola ainda é o lugar mais adequado para trabalhar a relação homem-ambiente-sociedade, sendo um espaço adequado para formar um homem novo, crítico e criativo, com uma nova visão de mundo que supere o antropocentrismo. E, que por isso deve-se apresentar ao aluno o que são práticas sustentáveis, inserido-o nesse contexto.

Trabalhar a Educação Ambiental a partir de eixos temáticos exige do professor pesquisa, trabalho em equipe, criatividade, entre outros atributos. A princípio isto pode provocar atitudes de medo, insegurança, recusa e, até mesmo, insatisfação e indisponibilidade.

Posteriormente, indagou-se aos participantes se eles são favoráveis à reciclagem e à reutilização de materiais, bem como a redução do consumismo. Todos os dados colhidos foram apresentados no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Distribuição dos participantes quanto ao fato se o aluno é favorável a reciclagem e reutilização de materiais, bem como a redução do consumismo



Fonte: Pesquisa de campo (julho/20017).

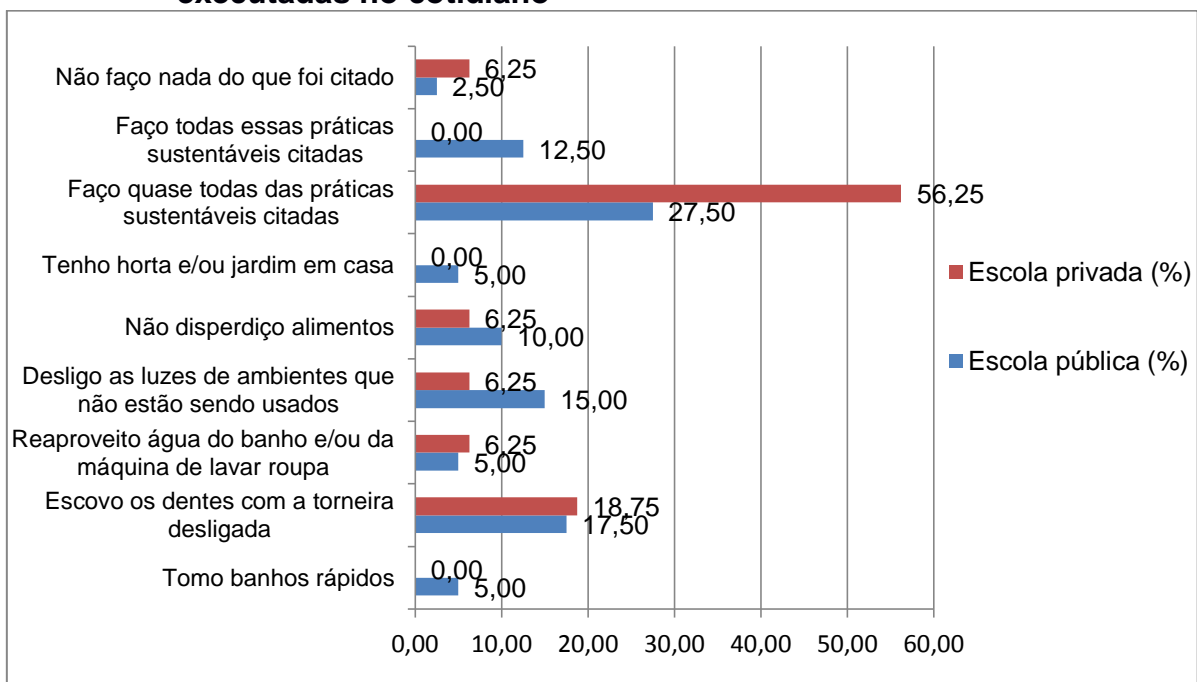
Quando se analisa o Gráfico 5, verifica-se que 15% dos alunos da escola pública não são favoráveis à reciclagem, à reutilização de materiais, bem como a redução do consumismo. Na escola privada, todos os entrevistados declararam-se como sendo favoráveis a tais práticas.

De acordo com James (2002, p. 59), por reciclagem entende todo e qualquer processo que vise coletar e reprocessar um recurso já utilizado, transformando-o em novos produtos secundários.

Deve-se também frisar que a importância da reciclagem reside no fato de que através dela, é possível reduzir a retirada de matérias primas da natureza, sejam estas classificadas como recursos naturais renováveis ou não. Assim, estimulando a reciclagem, está se promovendo a preservação do meio ambiente, primando pela sustentabilidade, visto que o fato de se reduzir a retirada de matérias primas, implica que de certa forma está se garantindo às gerações a oportunidade de também desfrutar dos recursos naturais ora existentes.

Através do sexto questionamento, indagou-se dos participantes qual a prática sustentável que ele mais faz uso no dia a dia. Os dados obtidos encontram-se apresentados no Gráfico 6.

Gráfico 6 - Distribuição dos participantes quanto às práticas sustentáveis mais executadas no cotidiano



Fonte: Pesquisa de campo (julho/2017).

Quando se analisa os dados apresentados no Gráfico 6, verifica-se que diariamente, a maioria dos alunos da escola particular toma banhos rápidos, escova os dentes com a torneira desligada, reaproveita água do banho e/ou da máquina de lavar roupa, desliga as luzes de ambientes que não estão sendo usados e não desperdiça alimentos. As práticas enumeradas pelos alunos da rede particular foram citadas por 27,5% dos alunos da escola pública. Outros 17,5% destacaram que escovam os dentes com a torneira desligada, objetivando economizarem a água.

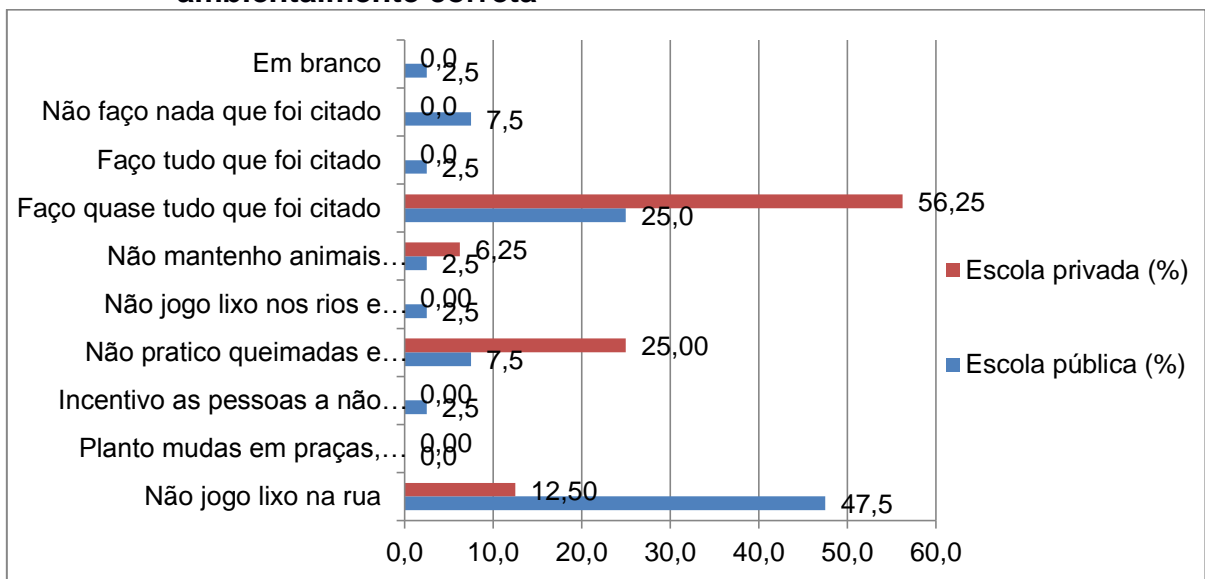
Desta forma, percebe-se que entre os entrevistados já existe certa preocupação em promover a sustentabilidade, ou melhor, eles já fazem uso de alguma prática sustentável.

De acordo com Leff (2001, p. 113), “a educação ambiental se fundamenta em dois princípios básicos: uma nova ética que orienta os valores e comportamentos para os objetivos de sustentabilidade ecológica e a equidade social; uma nova concepção do mundo como sistemas complexos, a reconstituição do conhecimento e o diálogo de saberes”.

Por essa razão, as práticas sustentáveis devem ser estimuladas no contexto escolar para que os alunos não somente incorporem tais condutas ao seu dia a dia, mas também orientem seus familiares a fazerem o mesmo.

Posteriormente, procurou-se saber dos entrevistados o que eles podem fazer para terem uma cidade ambientalmente correta, apresentado no Gráfico 7.

Gráfico 7 - Distribuição dos participantes quanto ao fato de se ter uma cidade ambientalmente correta



Fonte: Pesquisa de campo (julho/2017).

Com base nos dados apresentados no Gráfico 7, verifica-se que existe um maior envolvimento dos alunos da escola privada com as condições ambientais de sua cidade. Entre os alunos da escola pública existe o cuidado de não jogar lixo nas ruas, fato que se configura em uma atitude responsável e ambientalmente correta.

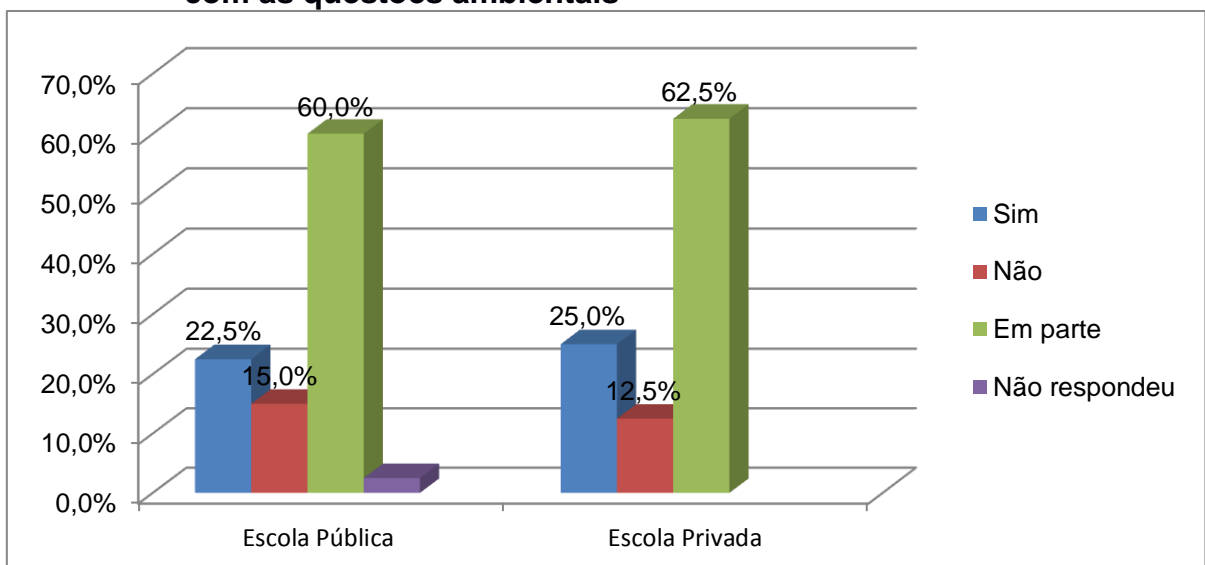
A preocupação com os aspectos ambientais da cidade também é abordada na Educação Ambiental. Segundo Figueiredo (2004, p. 54):

A educação ambiental é um processo que visa formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e com os problemas que lhe dizem respeito, uma população que tenha os conhecimentos, as competências, o estado de espírito, as motivações e o sentido de participação e engajamento que lhe permitam trabalhar individual e coletivamente para resolver os problemas atuais e impedir que se repitam.

Nesse sentido, a educação ambiental deverá ser trabalhada na escola como processo educacional em todas as instâncias de formação e disciplinas do currículo, pois ela se integra ao processo educacional como um tema transversal que permeia os diferentes conteúdos disciplinares e envolve a apropriação de conteúdos, formação de conceitos e a aquisição de competências para agir na realidade de forma transformadora.

Procurou-se através do oitavo questionamento saber dos participantes se suas escolas estão preocupadas com as questões ambientais. O Gráfico 8 relaciona-se a esse questionamento.

Gráfico 8 - Distribuição dos participantes quanto à preocupação das escolas com as questões ambientais



Fonte: Pesquisa de campo (julho/2017).

Quando se analisa os dados apresentados no Gráfico 8 de forma conjunta, verifica-se que tanto na escola pública, quanto na escola privada não existe uma completa preocupação com as questões ambientais, conforme revelaram os alunos entrevistados. Para superar essa realidade, a escola precisa mudar o perfil e assumir de forma completa o seu papel, que é educar para o exercício da cidadania e essa educação requer compromisso com o meio ambiente. E o caminho para essa mudança se inicia com a promoção da educação ambiental.

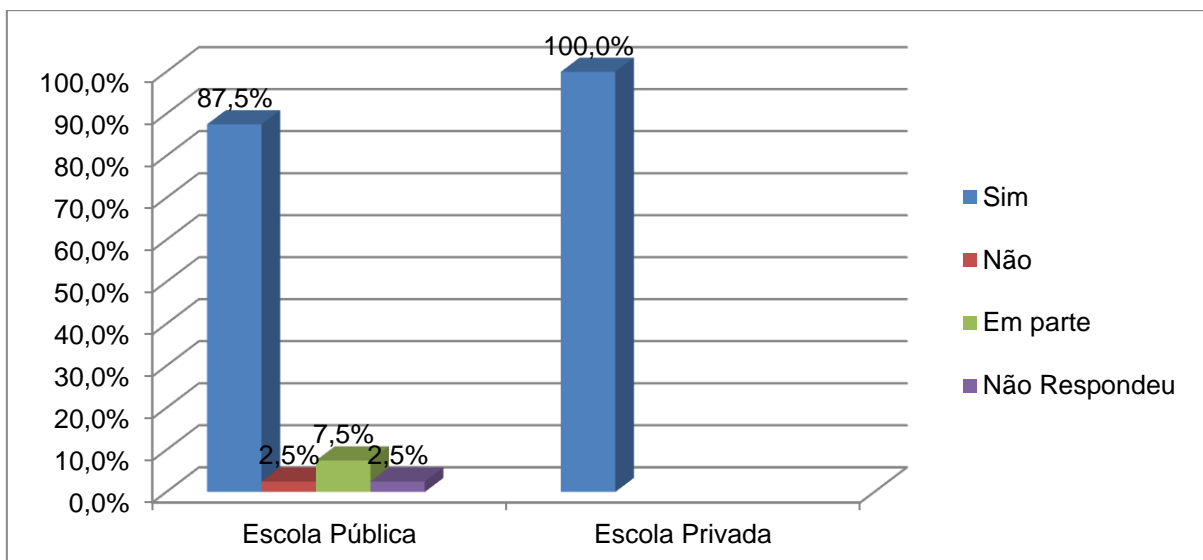
Nesse sentido, explicam Baeta et al. (2011, p. 132) que:

A Educação Ambiental permite desenvolver valores e atitudes que levam a uma postura consciente e participativa nas questões relacionadas à conservação, preservação, utilização de recursos naturais, visando sempre à melhoria da qualidade de vida, eliminando a fome, a pobreza e o risco de extinção das mais variadas formas de vida.

Consideração o que foi citado, a Educação Ambiental deve ser trabalhada em todas as modalidades de ensino, bem como em todos os cursos de nível superior, para proporcionar ao acadêmico o conhecimento necessário sobre a temática meio ambiente.

De acordo com o Gráfico 9, procurou-se saber dos entrevistados se eles consideram ou não importante a educação ambiental na escola para a formação de uma consciência ambiental.

Gráfico 9 - Distribuição dos participantes quanto à importância da educação ambiental para a formação de uma consciência ambiental



Fonte: Pesquisa de campo (julho/20017).

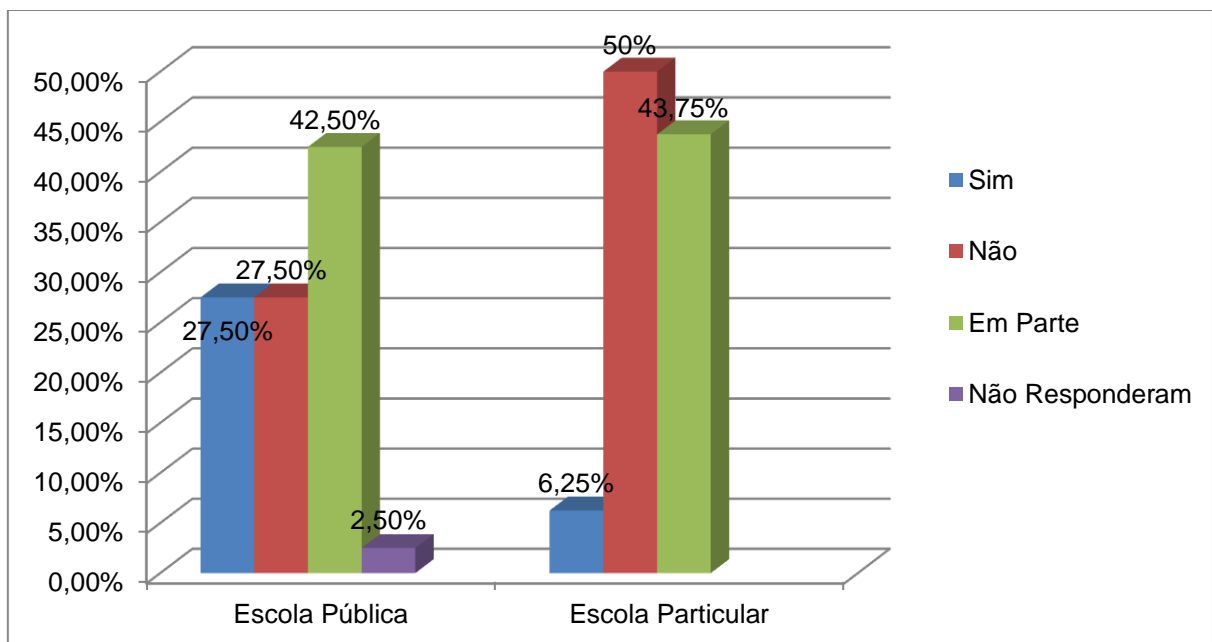
A análise dos dados apresentados no Gráfico 9 mostram que 100% dos alunos da escola privada consideram importante a educação ambiental para a formação de uma consciência ambiental. Entre os alunos da escola pública esse entendimento foi demonstrado por 87,5% dos participantes; 2,5% não concordam com tal afirmação; 7,5% concordam em parte e 2,5% não responderam.

De acordo com Santos et al. (2013), a Educação Ambiental se constitui em um dos principais veículos para a construção de uma consciência ambiental coletiva. E, que por essa razão deve ser estimulada e trabalhada em todos os níveis educacionais, da educação infantil à superior.

Desta forma, percebe-se que a educação ambiental deve estar sempre presente em sala de aula, porque ele é um instrumento de conscientização, através do qual pode se construir uma sociedade mais comprometida com as questões ambientais e preocupada com a preservação do meio ambiente por entender que se trata de um bem de todos.

Por último, foi indagado aos participantes se eles sentem preparados ambientalmente para levar às outras pessoas seus conhecimentos e aplicar no seu cotidiano ao final do ensino médio.

Gráfico 10 - Distribuição dos participantes quanto ao fato de estarem preparados ambientalmente ao final do ensino médio para conscientizar as pessoas e aplicarem no cotidiano.



Fonte: Pesquisa de campo (julho/2017).

Quando se analisa o Gráfico 10, verifica-se que o maior percentual de alunos se declarou capacitado para conscientizar as pessoas e aplicarem no cotidiano os conhecimentos recebidos na escola, relacionados ao meio ambiente, faz parte da escola pública (27,5%). Entre os alunos da escola privada, somente 6,25% se declararam capacitados para tal fim. Contudo, a maioria dos entrevistados, nos dois segmentos, se declarou capacitada em parte.

Diante de tais dados pode-se concluir que nas escolas que serviram de campo para a presente pesquisa, a temática meio ambiente e a educação ambiental precisam ser mais bem abordadas, objetivando possibilitar a todos os alunos uma maior compreensão sobre as questões ambientais bem como quanto ao seu papel na preservação da natureza.

Explicam Santos et al. (2013) que o ser humano é parte de um grande processo e que sua missão é preservar a natureza para garantir a sua própria existência.

Desta forma, percebe-se que toda a sociedade deve se envolver nas questões ambientais. Pois, não há como preservar a natureza e garantir um meio ambiente saudável às gerações futuras se não houver um compromisso de todos os seres humanos.

6 CONCLUSÃO

A Educação Ambiental deve ser considerada uma prática política, sendo essa uma de suas características mais marcantes, visando proporcionar a organização coletiva na busca de soluções para os problemas socioambientais. Além da dimensão coletiva, a Educação Ambiental apresenta também a dimensão individual e se constitui como um processo de grande abrangência, não se limitando aos princípios e às teorias científicas.

No contexto escolar, a Educação Ambiental não pode se restringir apenas aos conceitos ecológicos da natureza. Ela deve abordar também as questões dos valores morais, da cidadania, da justiça, da saúde, da pobreza, da igualdade e das diferenças de desenvolvimento, dentre muitas outras.

Com esta pesquisa observou-se que não existe uma disparidade grande de conhecimentos ambientais entre os alunos da rede pública e da rede privada de ensino como acreditam muitos através do senso comum. A temática ambiental é de fato mais praticada pelos alunos na escola pública com aulas e principalmente projetos. Contudo, quando se analisa os dados coletados de uma forma geral e se estabelece um comparativo do ensino-aprendizagem, verifica-se que os alunos da escola privada adquiriram um maior aprendizado e isso se deve ao maior acesso a informações escritas, digitais e sociais que cercam o cotidiano desses alunos de maior poder aquisitivo.

Mediante essa realidade, pode-se concluir que é preciso maior investimento por parte dos gestores escolares em infraestrutura, aulas e projetos ligados ao tema meio ambiente, além de maior comprometimento dos atores educacionais com um melhor ensino-aprendizagem para a verdadeira sustentabilidade. Também é preciso maior interesse do poder público em investir em Educação Ambiental como prevenção de danos ambientais futuros.

E, assim de tudo, formar cidadãos críticos, multiplicadores do conhecimento para a verdadeira sustentabilidade que prioriza aqueles mais vulneráveis aos danos ambientais, além de formar sujeitos comprometidos com a preservação da natureza e conscientes de que o papel da atual sociedade é garantir um planeta Terra saudável para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

BAETA, A. M. B. et al. **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARRETO, A. L. P. et al. Educação ambiental na educação de jovens e adultos. In: ABÍLIO, F. J. P. (org.). **Educação Ambiental para o semiárido**. João Pessoa: EDUEPB, 2011.

BEZERRA, M. C. L.; BURSZTYN, M. (coord.). **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis: Consórcio CDS/ UNB/ Abipti, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: Meio ambiente. Brasília: MEC, 2001.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, V. S. A educação ambiental nos PCN: o meio ambiente como tema transversal. In: MACHADO, C. et.al. **Educação ambiental consciente**. Rio de Janeiro: WAK, 2003.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental**: Princípios e práticas. 3 ed. São Paulo: GAIA. 2010.

ENLAZADOR, T. **Almanaque para práticas sustentáveis**. Recife: Unimed, 2007.

FIGUEIREDO, S. A. **Proposta curricular**: Educação ambiental. Brasília: MEC, 2004.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 32 ed. São Paulo: Cortez, 1996. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 13).

_____. **Educação com prática para a liberdade**. 33 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GADOTTI, M. **Pedagogia da terra**. 3. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000 (Série Brasil Cidadão).

JACOBI, P. et al. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189-205, mar., 2003.

JAMES, B. **Lixo e reciclagem**. São Paulo. Scipione, 2002.

KERKHOFF, J. A. **Direito civil, ambiental, agrário e legislação tributária**. Maringá-PR: Centro Universitário de Maringá, 2012.

LA TAILLE, Y. A sociedade enfrenta problemas para os quais a escola é a única solução. **Jornal do Marista**, Belo Horizonte, n. 07, p. 7-8, jun. 2004.

LEFF, E. **Saber Ambiental**: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, A. [et al.]. **Educação ambiental legal**. Brasília: MEC, 2005.

MATOS, A. et al. Cenário evolutivo da educação ambiental para o desenvolvimento sustentável no mundo: Etapas e promotores. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 3, n. 2, p. 34-39 abr.-jun., 2013.

MEDINA, N. M.; SANTOS, E. C. **Educação ambiental**: Uma metodologia participativa de formação. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008

MELLER, C. B. Educação ambiental como possibilidade para superação da fragmentação do trabalho escolar. In: **Espaços da Escola**, Itajaí, v. 4, n. 26, p. 112-132, 2007.

MÉSZÁROS, I. **O século XXI**: socialismo ou barbárie? São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

MORAES, F. A.; SHUVARTZ, M.; PARANHOS, R. D. A educação ambiental em busca do saber ambiental nas instituições de ensino superior. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 20, p. 63-77, jan.- jun. 2008.

OLIVEIRA, F. A. G. A educação ambiental como meio para a sustentabilidade. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 11, n. 5, p. 39-52, 2016.

OLIVEIRA, R. C. F. Transversalidade no currículo escolar: ética e meio ambiente. In: SANTOS, C. P. (Org.). **Educação ambiental**: ação e conscientização para um mundo melhor. 2 ed. Belo Horizonte: SEE-MG. 2009.

PEREIRA, J. S. Educação ambiental na educação infantil: um compromisso social. **Rev. Bras. Agroecologia**, v.2, n.1, fev. 2007.

QUEIROZ, F. L. L. A educação ambiental e a sociedade contemporânea. ENPEG - 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 30 de agosto a 2 de setembro de 2009. **Anais**. Porto Alegre: UFRS, 2009.

ROSA, I. M. C. Meio ambiente como tema transversal na escola: limites e desafios. **Revista do Centro de Educação**, v. 45, n. 1, p. 40-46, 2002.

SANTOS, R. M. S et al. A necessidade de uma nova conscientização ambiental: A educação ambiental como prática. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 3, n. 2, p. 28-33 abr.-jun., 2013.

SATO, M. **Educação Ambiental**. 2 ed. São Carlos-SP: Rima, 2003.

SEGURA, D. S. B. **Educação Ambiental na escola pública**: da curiosidade ingênua à consciência crítica. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**: natureza, capital e a produção do espaço. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SORRENTINO, M. Crise Ambiental e Educação. In: QUINTAS, J. S. (Org.) **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente**. 3 ed. Coleção Meio Ambiente 3. Brasília: IBAMA, 2011.

SOUZA, G. O. C. Cidade, meio ambiente e modernidade. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: GASPERR, 2010.

VIOLA, E. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986), do ambientalismo à ecopolítica. In: J. Augusto Pádua (org.) **Ecologia e política no Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. Espaço e Tempo, 2007.

WALDMAN, M. Natureza e sociedade como espaço de cidadania. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (Org.). **História da cidadania**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

APÊNDICE

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DE SUMÉ-PB

01. O que é meio ambiente para você?

- Os seres vivos
- Os rios, mares e florestas
- Os animais
- A natureza
- Biodiversidade
- Parques/praças
- Todas as alternativas citadas a cima
- Nenhuma das alternativas citadas a cima

02. Você participa ou já participou de algum projeto ambiental na escola onde estuda?

- Sim, participo e quero a continuidade do projeto na escola
- Sim, já participei e queria que o projeto tivesse continuado na escola
- Não, nunca teve projeto ambiental na escola, mas eu queria participar se tivesse
- Não, na escola tem o projeto ou já teve, mas eu nunca quis participar
- Não, o(s) professor(es) idealizadores do projeto nunca me convidou

03. Você gostaria que na escola onde estuda houvesse projetos ambientais permanentes e aulas ligadas a essa temática?

- Sim
- Não

04. A escola onde você estuda tem práticas sustentáveis (horta, jardim, economia de energia/água, uso de papel reciclado, coleta seletiva do lixo, etc.)?

- Sim
- Não

05. Você é favorável a reciclagem e reutilização de materiais, bem como a redução do consumismo?

- Sim
- Não

06. Qual dessas práticas sustentáveis você mais executa em seu cotidiano?

- Tomo banhos rápidos
- Escovo os dentes com a torneira desligada
- Reaproveito água do banho e/ou da máquina de lavar roupa
- Desligo as luzes de ambientes que não estão sendo usados
- Não desperdiço alimentos
- Tenho horta e/ou jardim em casa
- Faço quase todas das práticas sustentáveis citadas a cima
- Faço todas essas práticas sustentáveis citadas a cima
- Não faço nada do que foi citado a cima

07. O que você faz para ter uma cidade ambientalmente correta?

- Não joga lixo na rua
- Planto mudas em praças, parques e nas calçadas
- Incentivo as pessoas a não praticar queimadas e desmatamentos

- Não pratico queimadas e nem desmatamentos
- Não jogo lixo em rios e açudes
- Não mantenho animais silvestres em cativeiro (presos)
- Faço quase tudo que foi citado a cima
- Faço tudo que foi citado a cima
- Não faço nada do que foi citado a cima

08. A escola onde você estuda está preocupada com as questões ambientais?

- Sim
- Não
- Em parte

09. Você considera importante a educação ambiental na escola para a formação de uma consciência ambiental?

- Sim
- Não
- Em parte

10. Você se sente preparado (a) ambientalmente para levar às outras pessoas seus conhecimentos e aplicar no seu cotidiano ao final do ensino médio na escola onde estuda?

- Sim
- Não
- Em parte

Muito obrigada.